

# **Respostas no tempo: relação mnemônica entre Cartas Chilenas e Resposta às Cartas Chilenas**

*[Replies in time: mnemonic relationship  
between Cartas Chilenas and Resposta às  
Cartas Chilenas]*

## **SARA HELENA QUINTINO**

Sara Helena Quintino é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Brasil, bolsista da FAPEMIG.  
[sarahelenaq@bol.com.br]

## **WILLIAM AUGUSTO MENEZES**

William Augusto Menezes é docente do Departamento de Letras, Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Brasil. Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.  
[williamenezes@hotmail.com]

## RESUMO

No presente artigo, focalizamos a relação mnemônica entre *Cartas Chilenas*, obra setecentista atribuída a Tomás Antônio Gonzaga, e *Respostas às Cartas Chilenas*, do poeta Napoleão Valadares, escrita em 1991. Situando-nos no âmbito dos estudos da linguagem, optamos por uma via discursiva para descrição e interpretação dessa relação, em que se realçam aspectos literários, sociopolíticos e culturais da memória. Para isso, aproximamos as noções de dialogismo (Bakhtin) e de memória (Charaudeau), com destaque para as três dimensões desta: a memória de signos, a memória de situações e a memória de discursos. Percebemos que a inserção de *Respostas às Cartas Chilenas* na memória faz emergir – em meio à tradição satírica e denúncias do mau governo – um conjunto de valores sociopolíticos encenados como argumentos de combate ao governo do então presidente Fernando Collor de Mello. Assim, a relação mnemônica entre tais obras contribui para o projeto persuasivo de Valadares.

## Palavras-chave

Linguagem e Memória, Dialogismo, Estratégias Retóricas, Semiologia

## ABSTRACT

*In this paper, we focus on the mnemonic relationship between Cartas Chilenas, a work of the eighteenth century attributed to Thomas Antônio Gonzaga, and Respostas às Cartas Chilenas, written in 1991 by Napoleão Valadares. Working in the context of language studies, we adopt a route of discursive description and interpretation of this relationship, which highlights aspects of literary, sociopolitical and cultural memories. For this, we will use the notions of dialogism (Bakhtin) and memory (Charaudeau), highlighting its three dimensions – the memory of signs, the memory of situations and the memory of discourse. We realize that the inclusion at memory of Respostas às Cartas Chilenas made to emerge - amid the satirical tradition and the denunciations of bad government - a set of sociopolitical values staged as arguments counter the government of President Fernando Collor de Mello. Thus, the relationship between mnemonic in these works contributes to the design the persuasive project of Valadares.*

## Key-words

*Language and Memory, Dialogismo, Rhetorical Strategies, Semiotics*

## Introdução

*Certa feita os escritores de Brasília recebemos pelo correio um envelope com versos relativos ao fanfarrão de turno. Era uma verve que moía em pó-de-mico qualquer político minésio, desgraçadamente um repeteco nauseante no jogo de poder e apenas digno, pela indignidade, de outras muitas novas Cartas Chilenas. (José Santiago Naud, in prefácio a Respostas às Cartas Chilenas)*

Os diversos estudos orientados em investigar as correlações entre a Linguagem e a Memória têm traçado relevantes leituras a partir das proposições teóricas desenvolvidas pelo círculo de Bakhtin em âmbitos linguísticos, culturais, sociais, entre outros. Em termos gerais, as investigações desenvolvem-se principalmente em torno da noção de dialogismo, que pressupõe a linguagem como um fenômeno sempre estratificado pelas axiologias sociais, visto que os processos de significação são constituídos por posições valorativas resultantes das experiências históricas dos indivíduos. Assim, a linguagem - em seu movimento dialógico - direciona o sujeito a uma zona de constantes interseções entre o dito e o já-dito, entre aquilo que será ressignificado/atualizado e aquilo que será esquecido no universo das significações, como propõe o círculo.

Pensando na dinamicidade inerente ao universo das significações, a qual implica, em uma ação enunciativa do sujeito, um ponto de vista criativo dependente de outros pontos de vistas, propomos realizar uma reflexão sobre a relação mnemônica que se ampara na noção de dialogismo, numa perspectiva discursiva. A partir de tal noção, trata-se de analisar discursivamente a representação da memória de *Cartas Chilenas*, conjunto de sátiras produzidas na segunda metade do século XVIII para vitupério de Luís da Cunha Menezes, governador de Vila Rica (atual Ouro Preto), em uma obra mais recente, de 1991, denominada *Respostas às Cartas Chilenas*, do poeta mineiro Napoleão Valadares<sup>1</sup>, cujos versos atacam o governo do então presidente Fernando Collor de Mello; uma análise orientada fundamentalmente pelo princípio bakhtiniano de que o dado se transfigura no criado.

A motivação para essa proposta surgiu durante o cotejamento de fontes bibliográficas sobre a inscrição histórica de *Cartas Chilenas*, “poemas de ouro” que conformaram todo um desejo de nacionalidade projetado em narrativas sobre o passado colonial. Do material levantado, o discurso materializado em *Respostas às Cartas Chilenas* apresentava-se destoante da maioria

---

<sup>1</sup> Napoleão Emanuel Valadares é natural de Arinos (MG). Diplomado em Direito, faz parte do grupo de poetas em Brasília, de onde presidiu a Associação Nacional de Escritores – ANE.

das representações que aplicam às sátiras o rigor de serem inscritas na história oficial da Nação como “Prefácio da Inconfidência”, como as chamou Caio de Melo Franco. A afetação foi incisiva, pois estabelecemos com o sujeito daquele discurso um pacto de leitura capaz de nos provocar para a descoberta de possíveis interpretativos do jogo arranjado pelo poeta mineiro.

Tal pacto de leitura foi consolidado ao percebermos, no título, o poder enunciativo da palavra *respostas* de ativar uma série de operações discursivas que mediam essa apropriação do passado. Esta apropriação, ao romper séculos de distância, reaviva não só um acontecimento discursivo para instaurar um novo em outro cenário, como também cria condições argumentativas para que o indivíduo interfira na própria ordem social, transformando-a, principalmente se encararmos o fato de que os usos do passado são orientados para se legitimar uma ordem do presente, como elucida Connerton (1999). Em *Cartas Chilenas*, Tomas Antônio Gonzaga, poeta a quem foi atribuída a autoria, coloca em cena um enunciador – narrador, *Critilo*, que trata de apresentar, de maneira poética, uma série de questões e considerações sobre o governo, a partir de denúncias contra a administração de *Fanfarrão Minésio*, presumido governo do Chile. No texto mais recente, em *Respostas às Cartas Chilenas*, o poeta Napoleão Valadares, ao constituir-se discursivamente como *Doroteu*, responde às questões de *Critilo* que ainda vibram na memória; dessa forma, seu discurso recobre a arquetônica metáfora do diálogo proposta pelo círculo de Bakhtin.

Estudada por diversas correntes teóricas, a metáfora do diálogo é pensada neste texto em sua dimensão discursiva, ao passo que encaramos o discurso como a materialização da própria dialogicidade do dizer. Nesta análise, a Teoria Semiollingüística constitui-se como principal eixo teórico por apresentar em seu escopo orientações que nos permite pensar o discurso como um posicionamento ativo de um sujeito – individual e coletivo – diante de um mundo a ser significado, ou, em termos bakhtinianos, semiótico, ação que produz sentidos para os dados que experienciamos. Definido como objeto de análise, o discurso torna-se então essa matéria significada por um indivíduo, um Ser evento único, que se inscreve responsivamente na linguagem para posicionar-se no mundo; ao analista cabe cercar os efeitos de sentido, as projeções desse discurso.

## 1. Entre correspondências...

A intervenção ao “arquivo” feita por Napoleão Valadares para a produção discursiva de *Respostas às Cartas Chilenas* desencadeia uma série

de operações linguísticas, literárias e discursivas, em especial no plano da nossa memória política. De acordo com nosso foco discursivo, é necessário situar os principais elementos que compõem o cenário político de cada produção; em outros termos, as condições de produção do discurso. Essas, como propõe Charaudeau (2005), são de ordem sócio-institucional, ou seja, são dadas pelas relações sociais entre os sujeitos que participam do jogo discursivo, determinando os espaços de fala que eles devem ocupar no interior de um dado grupo. Portanto, observemos alguns elementos das condições de produção que são relevantes por nos apresentar dados coletivos que circunscrevem o discurso a ser analisado.

As sátiras que compõem *Cartas Chilenas* foram produzidas em meio às tensões políticas e econômicas que marcaram a sociedade política e a vida privada em Vila Rica na segunda metade do século XVIII. Elas circulavam pela vila em forma de manuscritos anônimos nos quais eram narrados os feitos do governo de *Fanfarrão Minésio*, suposto general do Chile. Espaços invertidos intencionalmente, o que temos são versos satíricos engenhosamente articulados para o vitupério do governo de Luís da Cunha Menezes, governador da Capitania de Minas Gerais entre 1783 e 1788. Encarregado pela Coroa de aplicar novas medidas fiscais e tributárias para reger a rica economia da região, as ações desse governo geraram uma série de descontentamentos por parte daqueles que já participavam da vida política e econômica da capitania, uma vez que diversos “acordos” foram desfeitos por Cunha Menezes, que, com sua nova gestão, passou a ser encarado como tirano por muitos desfavorecidos, entre eles, os mais diversos *homens das letras*.

Toda a conjuntura política e social de Vila Rica foi constituída sobre os pilares da organização social europeia. Nesse cenário, a persona satírica elenca valores da ordem monárquica para compor sua imagem de novo *Chefe*, os quais, de forma geral, referiam-se aos princípios governamentais ditados pela doutrina da neo-escolástica. Esta se ancorava numa dinâmica hierárquica concebida em termos da metáfora de um *corpo místico do Estado*, no qual o rei, portador do poder divino e soberano, é tido como a cabeça e seus vassalos, ou súditos, compõem as outras partes desse corpo que deveria se coordenar a fim de atingir uma regência harmônica, pautada na honra, na virtude e no bom governo, representando a imagem daquele que garante a felicidade do povo. Tais concepções políticas, somadas às preceptivas retóricas (que recobrem também a poesia clássica) e às disposições éticas aristotélicas, adentram a sátira como uma espécie de fundo comum. É desse *locus* que o poeta elenca os referenciais que serão empregados em sua poesia para a composição dos tipos viciosos que se obstina a atacar e corrigir, como percebe Hansen:

A sátira barroca seiscentista é política segundo esse duplo registro: funciona como uma técnica que hierarquiza metaforicamente a segurança da população, encenando seu controle no discurso e pelo discurso. Impondo normas aos corpos de linguagem, ela os interpreta como adequação ou desvio da lei positiva e natural de que se faz emissária, fundamentando a crítica, de direito, para a mesma população, a um tempo referencial e destinatário de sua intervenção. Ao propor a correção dos vícios — políticos no mau sentido referido — ela o faz em nome do ideal de bem comum ausente que a enunciação racional efetua, ditando a retificação do que expõe. Sua validação é o Direito Canônico, principalmente em sua versão contra-reformista, que regula a hierarquização jurídica das práticas do Antigo Regime. (HANSEN, 1989, p.65)

Essa dimensão política das *Cartas Chilenas*, que a legitima no interior das práticas discursivas no século XVIII, pode ser considerada como o “elo” que vincula as sátiras coloniais ao discurso presente em *Respostas às Cartas Chilenas*. Ao narrar, em tom satírico, as desavenças do governo do *Fanfarrão Minésio*, pintando-o como corrupto, peralta e despótico, *Critilo* cria um retrato caricaturado de toda a situação política da colônia, tendo como objeto de sátira a figura central do *louco chefe*, que é recorrentemente questionado, como nos versos da *Carta 2ª*: “Aonde, louco chefe, aonde corres/Sem tino e sem conselho? Quem te inspira/ Que remitir as penas é virtude?” (Gonzaga, 1995,p.73). Essa imagem será então *refratada* por outro *Doroteu*, dessa vez em período bastante contemporâneo, em versos que narram e descrevem uma situação política distinta daquela apresentada por *Critilo*; respostas que irrompem o tempo num diálogo posto nos seguintes termos:

Meu prezado Critilo, meu amigo,(...)  
Doroteu, teu amigo, é quem te fala,  
Após quarenta lustros, desde quando  
Tu me contaste a história dum peralta  
Que regeu nossa terra noutros tempos  
Com despotismo, fanfarrice, muita  
Corrupção, safadeza e mais desgraças.  
Pois bem, meu bom Critilo, agora escuta  
Teu Doroteu, depois que são passados  
Dois séculos. Mataram Tiradentes!...(...)(VALADARES, 1998,p.11)

Escritos em 1991 e publicados em 1998, os versos de Napoleão Valadares inscrevem-se num cenário político singular no país. Os brasileiros viviam ainda sufocados pelo *mal de arquivo* gerado pelo duro regime da ditadura, mas também *perseverantes* na luta pela liberdade da expressão e animados pelas expectativas de instauração da democracia, simbolizada

pela reconquista do direito ao sufrágio universal para a escolha do presidente do País<sup>2</sup>. Nesta ordem social, o governo de Fernando Collor de Mello, primeiro presidente eleito diretamente no pós-ditadura militar, escandaliza o país em função das ações políticas empreendidas, principalmente naquelas em que o presidente assemelha-se aos ditadores, conforme a descrição nestes versos:

Eu te falei, Critilo, dum período  
De cerca de vinte anos, que passamos  
Sob o guante cruel da ditadura Militar.  
Pois ali a corrupção  
Estranhamente andou de corda solta.  
E o novo chefe, na campanha, muito  
Prometeu acabar coòs “marajás”  
E coòs corruptos, pondo-os na cadeia,  
Mas acabou seguindo a mesma trilha ...  
Por isso o povo o chama de “filhote  
Da ditadura”. E o nome lhe assentou. (VALADARES, 1998, p. 44)

Entre correspondências, podemos apontar que o fio que media a relação dialógica entre as *Cartas Chilenas* e *Respostas às Cartas Chilenas* é a sátira aplicada às figuras políticas e seus (des)governos. Mesmo que espaçados temporalmente por conjunturas políticas díspares – monarquia e república federativa – o tema da troca gira em torno da avaliação de valores aplicados ao bom governo e ao bom governante, o que resulta numa constituição da imagem não só do satirizado, mas também da *persona satírica*. Portanto, resta-nos discutir como essa relação dialógica é materializada no discurso produzido nas *respostas*, e principalmente os efeitos de sentido possíveis nessa representação da memória das *Cartas Chilenas*.

## 2. Memória: Dialogismo e Discurso

Em estudo publicado, que reúne as principais proposições teóricas elaboradas pelo círculo de Bakhtin em torno da linguagem, Faraco (2009) aponta que a noção de dialogização das vozes sociais é central

---

2 Entre 1964 e 1985, o país viveu sob uma ditadura militar. Na sequência, passou por uma legislatura eleita indiretamente, em Colégio Eleitoral Especial, tendo como presidente José Sarney. Em 1989, foi eleito, diretamente, Fernando Collor de Mello, com a promessa de realizar uma administração democrática. Entretanto, o governo Collor foi marcado por desmandos diversos, pela instabilidade econômica e a corrupção política, tendo causado ampla revolta popular. A sua legislatura foi interrompida por *impeachment* popular, deliberado pelo Congresso Nacional, em dezembro de 1992.

nas discussões bakhtinianas. Ela está envolvida naquilo que Bakhtin designa como heteroglossia dialogizada: uma dinâmica semiótica que provoca constantes tensões socioculturais entre as vozes sociais que permeiam um enunciado e faz com que essas se choquem, se cruzem, se polemizem, se afetem e se parodiem. Nessa noção, é assentada a metáfora do diálogo como condensadora da própria dialogicidade natural da linguagem.

Essa dialogicidade do dizer, inerente ao universo das significações, é apresentada por Bakhtin em três dimensões diferentes, como propõe Faraco (2009, p. 59). A primeira refere-se ao fato que todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”, uma vez que o novo cria-se a partir daquilo que já foi dado, assim, todo enunciado constitui-se como réplica de algo já enunciado. Decorre disso uma segunda dimensão: todo dizer é orientado para a resposta, ou seja, todo enunciado projeta-se para um receptor presumido na espera de uma resposta. Essa projeção do outro nos remete a terceira dimensão na qual todo dizer é internamente dialogizado, o que equivale a dizer que o encontro das vozes sociais ocorre internamente no sujeito, e será mostrado ou não dependendo do grau de alteridade da palavra do outro. Essas três dimensões entrecruzam-se no sujeito, o que acaba por revestir a linguagem de uma *aura heteroglóssica*, uma camada densa e tensa de discursos.

Nos estudos discursivos, essa aura heteroglóssica é pensada em termos de relações interdiscursivas. O primado do interdiscurso, cuja base teórica está atrelada às disposições teóricas sobre o processo de produção de sentidos mediados pelas relações dialógicas, pode ser encarado como ponto de partida na discussão da relação entre memória e discurso. Sabe-se que um discurso pressupõe outro para sua enunciação, até mesmo como regra de enunciabilidade, mas o questionamento é como o outro é incorporado no meu discurso em termos de operações languageiras.

Nesse sentido, pensamos que tal incorporação pode ser pensada na instância de produção discursiva, uma vez que ela remete o sujeito para a zona de tensões entre o novo e o dado, entre o individual e o coletivo. Essa instância, que engloba diversas operações languageiras, pode ser elucidada por meio do seguinte esquema, desenvolvido por Charaudeau (2009), que remonta ao funcionamento da comunicação languageira:

Nesse esquema tridimensional, podemos observar que o sujeito, ao produzir seu discurso, sofre influência direta de dois quadros sociais: dos imaginários sociodiscursivos e do dispositivo sócio-comunicacional. Tais restrições são articuladas de maneira “individual” no nível da *mise-en-scène* discursiva por meio de dispositivos que garantem ao sujeito construir discursivamente suas estratégias de ação e de influência a partir dos próprios



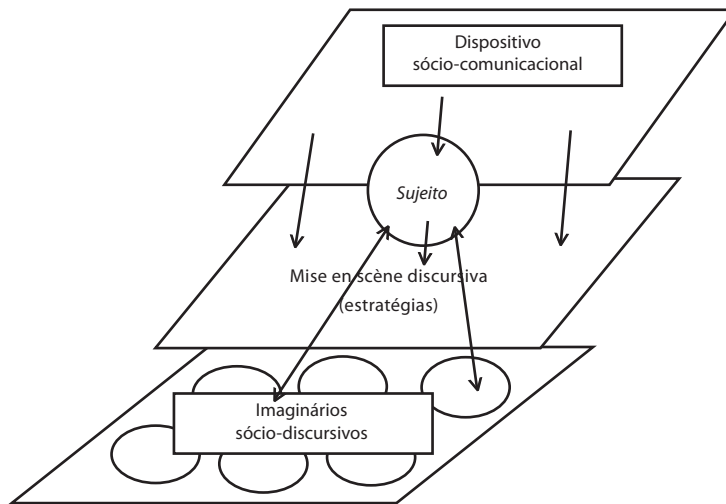
dados psicossociais envolvidos na comunicação. Vejamos, então, como cada nível proposto no esquema opera na produção discursiva, e ainda como podem ser articulados aos três tipos de memória propostos por Charaudeau: a *memória de discursos*, a *memória de situações de comunicação* e a *memória de formas de signos*; memórias essas que estariam diretamente vinculadas “ao processo de socialização do sujeito através da linguagem e da linguagem através do sujeito, ser individual e coletivo.” (Charaudeau, 2004, p. 19)

Começemos pela base dos imaginários sociodiscursivos. Essa é percebida como o lugar de estruturação das diversas representações sociais (Charaudeau, 2009) e, portanto, como “sociodiscursivas”, por serem representações construídas pelo dizer no interior dos grupos sociais que reúnem diversos tipos de saberes (de crença e de conhecimento, este último podendo ser de experiência, de erudição, entre outros). O destaque dessa função estruturante dos imaginários sociodiscursivos leva-nos a postular que tais saberes evocam também uma *memória dos discursos* que são compartilhados no interior de determinado grupo enquanto índices de verdade, ou melhor, de verossimilhança, que orientam as possibilidades de fala no interior de uma determinada comunidade de falantes. Assim, para o sujeito constituir seu discurso é preciso que ele o “ancore” nos outros discursos circulantes.

A noção de memória dos discursos, ou memória discursiva, vem sendo desenvolvido no interior da análise do discurso a partir do primado da interdiscursividade, posto como as relações interdiscursivas que guardam a memória de outros discursos. Charaudeau (2004), partindo das considerações de Bakhtin sobre o dialogismo na linguagem, situa esse conceito no próprio domínio da comunicação como ponto de partida para o sujeito estabelecer pontos de referência externos ao seu discurso, podendo assim significar suas intenções e comunicar; além disso, o caráter estruturante dos imaginários sociodiscursivos deve-se ao fato desses comportarem discursos que organizam o próprio *poder dizer*. Assim, poderíamos pensar que as elaborações desse conceito guardam muito dos apontamentos de Foucault, em *Arqueologia do saber*, sobre o arquivo, entendido sumariamente como sistema geral de formação e de transformação de enunciados:

Entre a língua que define o sistema de construção de frases possíveis e o corpus que recolhe passivamente as palavras pronunciadas, o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como se fossem acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação [...] entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecer as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistir e modificar-se regularmente. (Foucault, 2009, p. 147)

As regras da enunciabilidade suscitadas pelo arquivo podem ser correlacionadas ao próprio caráter estruturante dos imaginários sociodiscursivos. Assim, as representações próprias de cada grupo, abertas à transformação e



à manipulação pelos seus agentes, fragmentam a sociedade em “comunidades discursivas” que reúnem virtualmente “sujeitos que partilham os mesmos posicionamentos, os mesmos sistemas de valores”, como propõe Charaudeau. Dessa forma, adentrar uma comunidade discursiva significa para o sujeito garantir que seu discurso seja, inicialmente, aceito por certo grupo.

Esse me parece ser o caso do imaginário que recobre a noção de liberdade. Apesar da significação distinta que a noção possa conter nas diversas fases da vida humana e da dinâmica sócio-histórica, o imaginário mostra-se fundador de uma especificação cívica fundamental, que se constituiu enquanto memória libertária dos inconfidentes e, por extensão, do povo brasileiro. Ora, não se trata aqui de um imaginário que se sedimentou ao acaso da história. Trata-se de uma construção sociodiscursiva que envolveu narrativas variadas e um trabalho ideológico monumental, que se fez acompanhar de idas e vindas ao arquivo, contemplando releituras de diversos acontecimentos, discursivos, dentre os quais a relação entre as Cartas-poema de Gonzaga, as investigações em torno do movimento social que se tornou conhecido por Inconfidência Mineira e as iniciativas de formulação da identidade nacional, das quais o IHGB e diversos projetos políticos participaram decisivamente<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Cf. CARVALHO, José Murilo. A formação das almas – o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Outra noção que pode ser correlacionada ao que buscamos definir como memória sociodiscursiva é a de *memória social*, proposta por Paul Connerton (1999). Em sua obra, o autor discute as formas de transmissão de memória no interior de um grupo, abordando para tal as cerimônias comemorativas e práticas corporais entendidas como performances através das quais são transmitidos e conservados os conhecimentos recolhidos das imagens do passado. O autor parte de duas considerações axiomáticas que dizem respeito à memória em geral e à memória social. No que se refere à memória em geral, o autor considera que a nossa experiência do presente está atrelada ao nosso conhecimento do passado, assim “entendemos o mundo presente num contexto que se liga casualmente a acontecimentos e a objectos do passado e que, portanto, toma como referência acontecimentos e objectos que não estamos a viver no presente” (Connerton, 1999, p.2). Essa movimentação entre passado e presente influenciaria situações rotineiras no nosso dia-a-dia, sugerindo que determinados quadros sociais são comuns a nós, mesmo que não identifiquemos conscientemente o primeiro contato com determinada ideia ou visão do mundo.

No que diz respeito à memória social, aquela que congrega os participantes de determinado grupo, o autor constata que uma ordem social do presente geralmente é legitimada por imagens do passado e que “se as memórias que têm do passado divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões” (Connerton, 1999, p.3). É possível depreender dessa noção de memória social diversos componentes envolvidos na produção de atos de linguagem, uma vez que o autor pressupõe que haja conhecimentos comuns do passado compartilhados entre os participantes em qualquer ordem social que determinam de forma direta a transmissão da memória social. Assim, poderíamos pensar que a noção de memória discursiva comporta a de memória social, uma vez que essa recobre justamente o “arquivo” constituído por indivíduos que o compartilham e o atualizam em diversos processos de semiotização do mundo. A dinâmica geracional proposta por Connerton seria responsável então por manter a memória social mesmo que seus membros não estejam em *presença*, e dela decorre aquilo que chamamos de *comunidades virtuais*, associação possível se pensarmos que

De geração em geração, conjuntos diversos de memórias, frequentemente sob a forma de narrativas de fundo implícitas, opor-se-ão uns aos outros, de tal modo que, embora as diferentes gerações estejam fisicamente presentes, umas perante as outras, num determinado cenário, podem permanecer mental e emocionalmente isoladas, como se as memórias de uma geração estivessem, por assim dizer, irremediavelmente encerradas nos cérebros e nos corpos dos indivíduos dessa geração. (Connerton, 1999, p. 3)

Diante dos levantamentos teóricos formulados até então, como apreender a memória discursiva inscrita naqueles versos? O que nos faz chegar ao imaginário sociodiscursivo constituinte daquele discurso? E aqui nos defrontamos com mais uma das obviedades da língua: as palavras conduzem os efeitos de sentido em toda sua substancialidade semiótica, em toda sua performance. Segundo Charaudeau (2009), os imaginários sociodiscursivos, que se constituem na memória discursiva, “exigem do sujeito uma competência semântica”; assim, os elementos semânticos podem ser tomados como indicadores dos possíveis interpretativos que se desenrolam a partir do imaginário subjacente ao discurso.

Nesse sentido, a palavra *respostas* – inscrita no título do livro-poema de Valadares – adquire uma forte função discursiva ao ser representada como elemento semântico que materializa a transfiguração do dado, abrindo caminho para o novo. Ela é capaz de ativar no imaginário sociodiscursivo que constitui a memória política de nosso país um fio argumentativo que recoloca em cena *Critilo, Doroteu, Fanfarrão* junto a uma conjuntura política que será o tema do diálogo, elucidando aquela dimensão da dialogicidade do dizer proposta por Bakhtin, na qual todo enunciado dirige-se para uma resposta. No plano enunciativo, podemos considerar que o termo *respostas* além de criar um espaço argumentativo para a produção do discurso, funciona também como um operador mnemônico que irrompe de uma narrativa do passado para poder instaurar uma narrativa do presente.

Na perspectiva da memória discursiva, esse mesmo termo nos orienta para uma zona de tensões na rede de discursos que constituem os versos de *Respostas às Cartas Chilenas*. No primeiro plano, segundo a ordem do dado, podemos dizer que a própria escolha no arquivo aponta para uma memória dos discursos que têm como ponto de referência a luta pela liberdade, principalmente a liberdade política, já que os *inconfidentes* atuam na memória histórica oficial como autênticos heróis da liberdade, aqueles que plantaram a semente de um futuro glorioso, a República. Já num segundo plano, segundo a ordem do novo, percebemos que o enunciadador busca situar seu discurso no interior da comunidade discursiva da qual ele participa, recorrendo então a discursos que constituem a memória política daquele momento histórico: ditadura, censura, violência, entre outros. Essa tensão entre discursos, que recai na rede discursiva que constitui o discurso em análise, pode ser apreendida nos seguintes versos, retirados da *Carta 1ª*:

Ultimamente, por vinte anos, mais ...  
A nossa terra, mergulhada em noite  
Tenebrosa e medonha, padeceu  
Horrores dum regime autoritário,

Em que os mandantes dum poder espúrio,  
Enchendo a boca de “democracia”,  
Instalaram terror legalizado,  
Cassaram, torturam e mataram  
Os que tinham o ideal do nosso Alferes.(...)  
Mas, meu Critilo, após haver passado  
Esse funesto tempo, o pobre povo,  
Sem qualquer revanchismo contra aqueles  
Que o massacraram, quis, em paz, reaver  
E foi assim, Critilo, que esquecido  
Do modo de votar, pois embotada  
Tinha a noção de liderança, o povo  
Fez a rampa subir um novo chefe,  
Que, proclamando ter “aquilo roxo”,  
Prometeu e jurou à “minha gente”  
Criar por suas mãos um “Brasil Novo”  
Matar a fome dos “descamisados”,  
Querendo fosse tudo “collorido”.  
Mas deu coòs burros n’água, com as mulas,  
Com os jumentos, com os muares todos,  
Pois nesta terra são todos “tollos”.(...)  
(VALADARES, 1998, p. 12-15 grifos nossos)

A análise desses versos nos direciona para diversos processos de ressignificação próprios da dinâmica entre lembrança e esquecimento natural desse “mergulho” do sujeito na base dos imaginários sociodiscursivos que permeiam a memória política do país. Um deles pode ser percebido no uso de expressões temporais como *ultimamente*, *por vinte anos*, *após haver passado* que atualizam a relação dialógica estabelecida com as sátiras coloniais ao mesmo tempo em que comportam os discursos da ordem do presente da produção. Outro refere-se ao apagamento das figuras clássicas de composição poética, cujo repertório de imagens era a poesia clássica, usadas para a confecção de metáforas, que são preenchidas por discursos produzidos e “arquivados” pela mídia, como pode ser observado na citação direta de expressões cristalizadas referentes ao governo Collor, tais como “*aquilo roxo*”(termo usado por Collor para se esquivar das vaias em Juazeiro do Norte para dizer que é macho valente, tal como sertanejo), “*minha gente*”, “*Brasil Novo*”, “*descamisados*” (termos frequentes em discursos de Collor), “*tollos*” parte do slogan dos adversários de Collor: “Não somos tollos”), entre outros que se desenrolam no interior da obra. Tem-se, no caso, um jogo interessante que se processa entre aquilo que se poderia designar, em conformidade com Jan Assmann (2008), como uma *memória cultural*, composta a partir das sátiras barrocas, em sintonia com a tradição

em torno da Inconfidência Mineira, e uma *memória comunicativa* em que a mídia e a narrativa de eventos recentes (a ditadura militar e os desmandos do Governo Collor) desempenhariam papel fundamental.

Avançando no esquema do funcionamento da comunicação linguageira, o sujeito, tendo revirado o baú dos discursos, lança-se no quadro sócio-comunicacional. Charaudeau aponta que esse “é o lugar em que se estabelecem as trocas sociais constituindo dispositivos de troca que funcionam como contratos de comunicação e que fornecem instruções sobre as maneiras de se comportar através da linguagem” (2009,p.315), portanto, o lugar dos gêneros que exigem dos sujeitos uma competência comunicacional. Podemos propor que essa competência comunicacional resulta da memória das situações de comunicação que, para Charaudeau (2004), constitui-se em torno de *dispositivos e contratos de comunicação*, formando comunidades comunicacionais que partilham representações discursivas, em formas e suportes particulares que possibilitam aos parceiros estabelecerem “um contrato de reconhecimento”, condição recíproca e diferenciada do sentido.

Novamente, recorreremos ao título da obra para entendermos os mecanismos discursivos atrelados às relações dialógicas estabelecidas. Ao ser representada como *resposta*, a obra de Valadares aciona um dispositivo de troca linguageira que preside sua leitura tendo como referência direta às sátiras coloniais; assim, seus versos garantem uma espécie de continuidade das Cartas Chilenas ao estabelecer um contrato de comunicação que pressupõe outros interlocutores e outras condições de produção, mas que mantém a função discursiva do gênero sátira até mesmo na forma de se tornarem públicos, uma vez que os versos, antes de serem publicados, foram enviados em anonimato para alguns escritores. Dessa forma, há de igual forma uma *persona satírica* que, de acordo com sua visada discursiva, irá narrar fatos a fim de vituperar um governo segundo valores que lhe são específicos.

Tal encenação é enfim conduzida pelo sujeito e manifesta-se no nível da *mise-en-scene* discursiva, lugar em que ele, “tendo mergulhado nos imaginários sociodiscursivos, e levando em conta as restrições do quadro situacional e de suas instruções, procede à organização de seu discurso.” (2009, p.324) Esse nível exige do sujeito as competências discursiva e semiolinguística, desenvolvidas a partir daquilo que Charaudeau (2004) chama de *memória das formas de signos* por meio da qual o sujeito *habituia-se*, pela rotina, com a organização das maneiras de dizer (que podem ser de ordem estética, ética, pragmática), instituídas por comunidades semiológicas que reúnem, também virtualmente, sujeitos que se reconhecem pelas formas de comportamento.

Nesse nível de organização discursiva, pode-se considerar que os versos que compõem *Respostas às Cartas Chilenas* atendem às maneiras de dizer

das sátiras coloniais, mesmo não sendo desenvolvidos segundo prerrogativas da literatura clássica, que também se constituem enquanto memória semiológica. O poeta modela sua escrita numa cadência lírica bem próxima dos versos coloniais, sendo recorrentes certas estruturas recobertas por um tom pastoril que mantém a presença do cenário árcade, característica que atesta a presença de uma memória semiológica no próprio fazer poético e de uma competência discursiva para jogar com os signos, como podemos observar nos versos seguintes, extraídos da *Carta 12ª*:

Vê, meu Critilo, aquela ovelha branca  
Que hoje desceu para beber na fonte:  
Não sente que o pastor, saudoso, prono,  
Olha do monte, erguendo seu cajado,  
E roga que ao rebanho que ela retome.  
Assim, agora nós temos saudade  
E requeremos na memória a volta  
Dos dias venturosos, esvaídos  
Na neblina do tempo que se foi.(VALADARES, 1998, p. 43)

Esta áurea pastoril nos versos de Valadares pode ser encarada como um dos elementos que acionam a memória de signos na relação dialógica estabelecida. Portanto, ao acionar tal memória, o poeta traz índices linguísticos que marcam a atualização do seu dizer, incorporando em seu discurso dados da ordem do presente da enunciação. Vejamos um exemplo dessa operação discursiva numa relação contrastiva entre as sátiras:

Amigo Doroteu, prezado amigo,  
Abre os olhos, boceja, estende os braços<sup>4</sup>  
E limpa, das pestanas carregadas,  
O pegajoso humor, que o sono ajunta.  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;  
Ergue a cabeça da engomada fronha  
Acorda, se ouvir queres coisas raras.(...)  
Acorda, Doroteu, acorda, acorda;  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama.  
(GONZAGA, 1995, p.49- *Carta 1ª*)  
30 – Levanta o corpo das macias penas;  
Ouvirás, Doroteu, sucessos novos,  
Estranhos casos, que jamais pintaram  
Na idéia do doente, ou de quem dorme  
Agudas febres, desvairados sonhos.(...)  
(GONZAGA, 1995, p. 50 – *Carta 1ª*)

\*\*\*\*\*

Meu prezado Critilo, meu amigo,  
Estende o corpo em tua cama antiga,  
Cerra os olhos cansados e respira  
Profundamente pelo menos três  
Veze, relaxa bem o corpo e a mente,  
Procura o nível alfa para ouvires  
O que tenho a dizer-te, pois são graves  
Os fatos que ora trago aos teus ouvidos,  
E para ouvi-los é mister que estejas  
Bem repousado, em posição correta,  
A fim de que não caias desmaiado (...)  
(VALADARES, 1998, p. 11 – *Carta 1ª*)

4 Grifos nossos.

A relação entre estes primeiros versos, que abrem igualmente ambas as sátiras, faz parte do encadeamento discursivo empreendido pelo poeta no plano da memória de signos. Ao contrastar os versos apresentados, gostaríamos de destacar a inversão semântica em torno das ações sugeridas pelos interlocutores: enquanto *Critilo* incita o despertar do sono, a condição de alerta, *Doroteu* já revoga calma, tranquilidade. Consideramos que essa inversão em torno das expressões *acorda* e *cerra os olhos*, por exemplo, pressupõe que os fatos que serão narrados por *Doroteu* seriam ainda mais “graves” do que aqueles contados por *Critilo*, a ponto de causarem desmaios. Assim, essa inversão semântica, que ocorre no nível da memória de signos, adentra também a memória de discursos, recobrando dados que são da ordem da atual conjuntura política brasileira.

Numa análise global da articulação entre os tipos de memória – de discursos, de situação e de signos – envolvida na produção discursiva de *Respostas às Cartas Chilenas*, podemos dizer que a representação da memória das *Cartas Chilenas* cria condições altamente persuasivas. A relação dialógica estabelecida comporta a intencionalidade de um indivíduo que deseja posicionar-se diante de uma situação que o afeta, satirizando, zombando, rindo, ironizando, e produz ainda efeitos tão “plásticos”, caricaturais, que podemos pintar a figura do presidente Collor sob a face do Fanfarrão Minésio. Dessa forma, o discurso materializado na obra de Valadares recobra uma memória de discursos (literário e político) que permitem aproximar os dois governos “tirânicos”, fato que por si já garante o ridículo que se deseja combater.

### 3. A transfiguração de Valores

As discussões em torno da dialogicidade do dizer implicam um posicionamento filosófico do círculo de Bakhtin. Isso porque a relação entre eu/outro envolve uma dimensão axiológica, inerente a todo enunciado, que se manifesta na atitude do sujeito em posicionar-se em relação aos valores carregados pelas diversas vozes sociais que o circundam; assim, o Ser/evento único deve empreender atos responsivos, atos que contenham respostas para os “dados” do mundo que lhe são apresentados. Nesse sentido, a representação da memória das *Cartas Chilenas* parece-nos também encobrir certa apropriação de valores sociais do passado avaliados por valores do presente.

Esta apropriação efetiva-se ao passo que os versos de Valadares são enunciados no interior de um contrato de comunicação cercado pela inferência



do próprio ato de responder. Esse contrato, além de pressupor respostas para questões lançadas por *Critilo*, atesta também para um certo “balanço” crítico da memória política do país, o que é organizado numa narrativa engenhosamente articulada para se ridicularizar o satirizado, utilizando como principal ferramenta a ironia que subverte valores. Para refletir sobre essa organização discursiva que atende a uma finalidade persuasiva, apresentamos a seguir fragmentos da *Carta 2ª*:

Entrar no templo e se curvar, de joelhos,  
Cruzar os braços e fechar os olhos,  
Entortar o pescoço, bater os beiços,  
Fingir que chora, suspirar, o peito ...  
*Tudo isso tu dizias que Minésio  
Praticava, querendo se mostrar  
Compassivo. Hoje em dia, o novo chefe  
Não chega a tanto, creio, mas é tido  
Como um simulador juramentado  
E num esporte de driblar o povo  
Seria um grande atleta e campeão.  
Esse negócio de fingir piedade  
É truque muito antigo, bem o sabes.  
Alma afeita a virtude? Cetro de ouro?  
Tudo é jogo de cartas bem marcadas:  
A mão de ferro é certa como a morte.  
O chefe fala em Deus quatorze vezes,  
Pensando em Deus ou Nele sem pensar,  
Mas esquecido dos que aqui governa...  
Há nisso uma virtude, por acaso?  
Não pode ver, por onde passa, um palco  
Que, achando que é palanque, quer subir  
Para falar discurso estapafúrdio,  
E gesticula sacudindo o dedo,  
A mão, o braço, o ombro, o corpo todo,  
Fica vermelho qual peru e berra.  
Os cabelos assanha – meio ruços –  
E os joga para frente como clina  
Do potro redomão, soberbo, xucro.  
O povo é como moscas, urubus?  
Não sei, não sei... mas posso te afirmar  
Que a fome obriga o pobre povo a ir  
Aonde, ao menos, há cheiro de retraço.  
E é, pois, assim que a rampa do Planalto  
Quando, a sorrir, o novo chefe desce,  
Certas pessoas, como tontas moscas  
Ou como abutres zambos, esfaimados,*

Comparecem em busca de promessas,  
Depois de quantas delas não cumpridas.  
*Não, meu Critilo, eu muito bem sabia*  
*Que dum peralta não se faz um homem.*  
Mas quem sou eu? Um poeta faz seus versos.  
E o povo, o pobre povo, a massa entrega  
A tal casquilho o cetro do poder.  
(VALADARES, 1998, p. 20-22 *grifos nossos*)

Nesse fragmento, no qual o enunciador descreve o ex-presidente com vistas à descrição do governador do Chile, *Doroteu* retoma e responde a certos questionamentos de *Critilo*, especialmente nos trechos destacados. Nesses versos, há atualização de alguns índices sociais de valor, principalmente aqueles que tangem a esfera da ação política do governante em relação aos seus compromissos éticos e morais, o que recai na questão da refração dos quadros axiológicos, uma vez que os signos comportam em si a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos, como propõe o círculo de Bakhtin.

Essa refração dos signos pode ser analisada no escopo da Teoria Semiolinguística, tendo em vista a encenação argumentativa. Charaudeau (2010) aponta que há procedimentos que contribuem para a produção da *prova* dirigida aos interlocutores, e propõe a seguinte categorização: procedimentos semânticos, que se dirigem para o valor dos argumentos; procedimentos discursivos, que empregam determinadas categorias linguísticas visando a efeitos de discursos; e procedimentos de composição, que reúnem e organizam o conjunto da argumentação. Esses procedimentos se cruzam na argumentação; entretanto, para esta análise, focalizaremos os procedimentos semânticos a fim de apreender os valores avaliados nos versos de resposta.

Para Charaudeau (2010), os procedimentos semânticos acionam argumentos que se fundamentam num consenso social. Ou seja, trata-se de procedimentos que se ancoram nos valores compartilhados por um grupo sociocultural específico, em determinados *domínios de avaliação*: o da verdade (verdadeiro/falso), o do estético (belo/feio), o do ético (bem/mal- moral interna/externa), o do hedônico (agradável/desagradável) e o do pragmático (útil/inútil). A cada vez que o sujeito empreende-se numa organização discursiva com vista a argumentar, ele se vale do conjunto de valores de que dispõe seus pares para assim obter uma validação do objeto de sua argumentação.

Em *Respostas às Cartas Chilenas*, a encenação discursiva mantém-se atrelada num constante diálogo entre os valores aplicados a um bom governo monárquico e aqueles esperados por um governo democrático.

Este ajuste no presente, ligado a um passado, ocorre em função da quebra de expectativa por um governo autenticamente democrático, o que se coaduna com o espírito de liberdade que passa a encobrir as sátiras coloniais; nesse confronto ocorre a validação de valores por meio mesmo dos domínios de avaliação que podem ser apresentados da seguinte maneira, de acordo com o fragmento citado acima:

- a. Tudo isso tu dizias que Minésio/Praticava, querendo se mostrar Compassivo. /Hoje em dia, o novo chefe/Não chega a tanto, creio, mas é tido/ Como um simulador juramentado.

Nesses versos, o sujeito argumentante, partindo da descrição feita de Minésio como aquele que fingia compaixão, entra no domínio Ético para avaliar o mesmo comportamento do atual governante, descrito como indivíduo que oculta suas reais intenções. Ele reinscreve o valor da honestidade em seu discurso ao pontuar a falta dela na postura de simulador juramentado assumida pelo atual governante. Assim, a desonestidade (simulação de virtude) é representada como valor negativo, uma vez que os políticos *devem ser honestos* num regime democrático.

- b. Esse negócio de fingir piedade/É truque muito antigo, bem o sabes./Alma afeita a virtude? Cetro de ouro?/Tudo é jogo de cartas bem marcadas:/A mão de ferro é certa como a morte.

É interessante observar nesses versos que há um encadeamento lógico em torno ainda da representação do valor honestidade. Os questionamentos levantados pelo sujeito argumentante – “Alma afeita a virtude? Cetro de ouro?” – dirigem-se aos seguintes versos de Critilo: “Apenas, Doroteu, o nosso chefe/As rédeas manejou, do seu governo,/Fingir-nos intentou que tinha uma alma/Amante da virtude. Assim foi Nero”. Constitui-se, dessa maneira, um raciocínio por analogia, em que “o nosso chefe” permuta o cetro de ouro pela mão de ferro, numa semelhança ao Imperador Romano, Nero, lembrado pelas atrocidades do seu governo. Ao colocar em cena aspectos da memória comunicativa e aspectos da memória cultural, os valores realçados, que se inserem no domínio da verdade, permitem a analogia entre o tempo do presente e uma espécie de passado como registro histórico.

- c. Mas esquecido dos que aqui governa.../Há nisso uma virtude, por acaso?

Essa irônica pergunta remete-nos a pensar que o sujeito argumentante recobre o domínio Ético para destacar um valor necessário ao governo

democrático: a responsabilidade com os eleitores. Isso é o que falta ao governante atual na avaliação do poeta. Portanto, não há virtude quando não se verifica a existência de compromisso efetivo com o que é dever público.

d. O povo é como moscas, urubus?/Não sei, não sei... mas posso te afirmar/  
Que a fome obriga o pobre povo a ir/Aonde, ao menos, há cheiro de retraço.

Nas *Cartas Chilenas*, Critilo afirma que o povo é como moscas em torno daqueles que atendem aos seus interesses próprios, o que é colocado em dúvida, e até mesmo suspenso (como indica o uso das aspas) por *Doroteu*. Nesse caso, parece-nos que a avaliação gira em torno do próprio papel que o “povo” assume em um sistema de governo que destaca o voto como ato de cidadania. É como se houvesse um vínculo necessário para a democracia, em que de um lado se colocaria o governante eleito na base de compromissos políticos, e do outro lado se colocaria o povo com a sua soberania de decisão e de vigilância do bom governo. Para tal, no entanto, é preciso que o povo tenha solucionado o seu problema de sobrevivência. Dessa forma, o sujeito argumentante entra no domínio da verdade – *mas posso te afirmar/Que a fome obriga o pobre povo a ir* – para assumir, de certa forma, uma posição solidária em relação à situação de pobreza, ou seja, o “povo” deve buscar o cumprimento das promessas feitas pelos políticos.

e. Não, meu Critilo, eu muito bem sabia/Que dum peralta não se faz um homem.

*Critilo*, após contar fatos que atestam a imagem de falso piedoso do Fanfarrão, declara em tom irônico: *E pode, meu amigo, de um peralta/Formar-se, de repente, um homem sério?* O fragmento acima representa a entrada do sujeito argumentante no domínio ético para responder afirmativamente, evidenciando que a *seriedade* é um valor necessário ao governante.

Os versos analisados constituem, na relação dialógica estabelecida, parte dos rearranjos promovidos pelo poeta nos quadros axiológicos de que dispõe: do passado e do presente. Na encenação argumentativa, é relevante pensar que a forma dinâmica com que são movimentados os domínios da verdade e do ético garante ao sujeito argumentante ressignificar aqueles valores que julga ser necessários para a ação política de um bom governo. No plano da sátira, o emprego destes domínios consolida os argumentos dirigidos para o combate do ridículo: um governante eleito dentro de um sistema democrático que pratica as mesmas (ou piores) “macaquices” de um fanfarrão de outros tempos. Como propõe Menezes (2004), de fato a perspectiva dialógica da linguagem funciona mesmo como uma espécie de garantia para a dimensão argumentativa do discurso.

## Considerações temporárias

As hipóteses levantadas a respeito do modo como *Respostas às Cartas Chilenas* se inscreve discursivamente no imaginário sociodiscursivo do século XVIII atestam a instigante operação “mnemônica” empreendida por Napoleão Valadares em sua representação de *Cartas Chilenas*. Ao acionar diferentes tipos de memória – discursiva, situacional, semiológica, política – o autor provoca um corte no tempo e no espaço para questionar e subverter valores inerentes às ações políticas, usando para tal a voz de um certo *Doroteu*, que articula em versos um quadro caricatural que aproxima ironicamente dois governos fanfarrões. As respostas dadas por *Doroteu* às reinvidicações de *Critilo* parecem confirmar que de fato há muitos Fanfarrões no mundo, por isso, cabe ao leitor ler e se divertir.

Resultado da leitura e da diversão, o riso parece ser a efetivação do pacto de leitura proposto pelo poeta mineiro. A comicidade como efeito de sentido vincula-se à fecunda utopia bakhtiniana do senso carnavalesco, no qual o riso adquire uma força cultural capaz de quebrar qualquer tentativa de monologização por parte dos poderes sociais através de discursos oficiais, políticos, ou de qualquer outra natureza. Isso se torna possível porque o riso, na dinamicidade das relações dialógicas, recoloca infinitas e diversas vozes sociais em um conflito descompromissado com uma verdade única; além disso, ele também exige dos interlocutores que revolvam no baú das representações sociais os elementos linguísticos e discursivos que orientam o processo de ressignificação dos signos.

A leitura dos pressupostos teóricos acerca da ação do sujeito na linguagem elaborados pelo círculo de Bakhtin permite-nos pontuar que este processo de ressignificação dos signos ocorre no campo da memória. Ao recorrer e escolher na memória discursiva os discursos que atendem ao seu projeto de ação, o sujeito atualiza os signos criando condições de transformação do seu presente. Esta reflexão não abarcou a totalidade da obra *Respostas às Cartas Chilenas* (nem poderia fazê-lo na extensão de um artigo, dada a sólida malha interdiscursiva dos versos), mas buscou cercar elementos que nos permitiram pensar a dialogicidade do dizer no plano da produção discursiva. Enfim, compartilhamos com Bakhtin a ideia de que

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última e não há limites para um contexto dialógico (ele se estira para um passado ilimitado e para um futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, isto é, aqueles que nasceram no diálogo dos séculos passados, não podem nunca ser estabilizados (finalizados, encerrados de uma vez por todas) – eles sempre se modificarão (serão renovados) no desenrolar subsequente e futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do

diálogo, existem quantidades imensas, ilimitadas de sentidos contextuais esquecidos, mas em determinados momentos do desenrolar do diálogo eles são lembrados e recebem vigor numa forma renovada (num contexto novo). Nada está morto de maneira absoluta: todo sentido terá seu festivo retorno. O problema da grande temporalidade. (Bakhtin, apud Faraco, 2009, p. 53)

Em tal circunstância, pode-se afirmar o efeito de comicidade, mas também o de radicalidade operada por esse riso. Não se trata apenas de recordar a narrativa poética de Critilo, a partir de Tomas Gonzaga, em texto do século XVIII para, lembrando-a nos atos de fala de Doroteu, no início da década de 1990, numa conjuntura específica, produzir efeito de comicidade. A repetição dos elementos discursivos, como efeito parafrástico, e o interdiscurso do predomínio tirânico trazem à tona também o gesto de repulsão. Uma espécie de atualização da atividade cívica enquanto ação comum na concretização do *bom governo*. A busca persuasiva se coloca, portanto, em perspectiva de um efeito de indignação, enquanto força mobilizadora da reconstrução do espaço público e de uma efetiva busca de liberdade política, que permanece no imaginário nacional.

## Referências bibliográficas

ASSMANN, JAN. Communicative and Cultural Memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar. (Eds) *Cultural Memory Studies – an international and interdisciplinary handbook*. Berlin/New York, 2008.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). Para uma filosofia do ato. Trad. da ed. Americana *Toward a Philosophy of Act*. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Teza. 1993.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida L. e MELLO, Renato (orgs). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE\UFMG, 2004, p. 13-42.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M.A.L. e GAVAZZI, Sigrid. (orgs) *Da língua ao discurso: reflexões sobre o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326.

CHARAUDEAU, P. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA e PAULA, Luciane (orgs). *Da análise do discurso no Brasil à Análise de discurso do Brasil*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GONZAGA, T.A. *Cartas Chilenas*. Introdução, cronologia, notas e estabelecimentos de texto Joaci Pereira Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HANSEN, João Adolfo. *Positivo/Natural: sátira barroca e anatomia política*. Estudos avançados. Vol. 3, nº 6, maio-agosto. São Paulo: USP, 1989, pp. 64-88.

MENEZES, William Augusto. *Evento, jogo e virtude nas eleições para a presidência do Brasil 1994 e 1998*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos: Análise do Discurso. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

VALADARES, Napoleão. *Resposta às Cartas Chilenas*. Brasília: Thesaurus, 1998.